

Migrantes na Periferia Urbana: redes sociais e a construção do bairro

Virgínia Ferreira da Silva



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1248>

DOI: 10.4000/pontourbe.1248

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Virgínia Ferreira da Silva, «Migrantes na Periferia Urbana: redes sociais e a construção do bairro», *Ponto Urbe* [Online], 1 | 2007, posto online no dia 30 julho 2007, consultado o 28 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1248> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1248>

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Migrantes na Periferia Urbana: redes sociais e a construção do bairro

Virgínia Ferreira da Silva

- 1 A partir de pesquisa que teve como objeto as redes de relações sociais em que estão envolvidos migrantes residentes no bairro Cidade Aracy, sito na cidade de São Carlos, interior de São Paulo¹, este artigo prioriza aspectos que envolvem a ocupação do espaço urbano empreendida por esses migrantes. As relações construídas com o lugar (bairro e cidade) variam segundo as redes de relações, as quais instauram códigos capazes de fazer com que as pessoas relacionem-se e vivenciem de modo adverso espaços físicos comuns (Magnani, 2007).
- 2 O conceito de rede social implica o contato que não é necessariamente visual, físico, mas social, pois acontece entre pessoas que possuem o mesmo sentimento de pertença a um campo de relações específico². Mesmo que eu considere “o meio social imediato das famílias urbanas não como o espaço local em que elas vivem, mas como as redes de relações sociais efetivas que mantêm, independentemente de estas se restringirem à área local ou ultrapassarem suas fronteiras” (Bott, 1957: 97-9 *apud* Elias, 2000: 196), devo levar em conta que o bairro ou a área residencial das famílias também é provido de uma estrutura (Elias, 2000: 197). Por isso, não é possível pensar os migrantes fora da estrutura do bairro em que vivem.
- 3 O que é importante para as famílias e indivíduos contidos em redes e o que é importante para a estruturação daquele local que ocupam são fatores que só podem ser pensados ao mesmo tempo (Elias, 2000). Como o bairro insere-se numa cidade, e faz parte de uma lógica que também é a lógica da cidade, descrevo-o procurando entender duas questões imbricadas: a forma como ele foi socialmente construído por seus moradores e como se estabeleceu a sua relação com São Carlos. Num segundo momento, e a partir disso, descrevo duas redes de relacionamento, o modo como se diferenciam no bairro (segundo o que é importante ali) e nas suas relações com a cidade.

O bairro Cidade Aracy

- 4 Eu nunca havia ido ao bairro até o início de minha pesquisa de campo. Quando fui pela primeira vez, de ônibus, não sabia se o reconheceria, se saberia “quando chegou”. Para minha surpresa, quando a cidade parece acabar, avista-se, ao longe, e “lá embaixo” o bairro. Ligado à cidade por uma espécie de serra, uma estrada “torturosa”, nas palavras de um antigo morador, ele está fisicamente isolado da cidade, ligado a ela pela *serrinha*, como é conhecida por todos. Já de longe fiquei surpresa pelo seu tamanho, muito maior do que eu imaginava.
- 5 Segundo informações da Secretaria da Habitação da Prefeitura de São Carlos, o bairro conta com 25 mil pessoas se considerarmos apenas o Cidade Aracy; se juntarmos a ele os bairros Presidente Collor e Antenor Garcia, pode-se falar em 40 mil pessoas. Ocorre que esse espaço afastado de que falo é constituído oficialmente por três bairros: o Cidade Aracy, o Presidente Collor e o Antenor Garcia. Além disso, o Cidade Aracy divide-se ainda em Aracy I e Aracy II, divisão essa que não é oficial, mas todos conhecem, não apenas os moradores, mas qualquer um que tenha contato com o bairro.
- 6 Minha opção inicial foi abrir-me para todos os bairros, para que com o tempo fosse feito um recorte significativo. Mesmo porque, quando se trabalha com redes sociais, elas podem não estar associadas a um espaço físico delimitado (Bott, 1976)³. Os relacionamentos sociais importantes de uma pessoa do Aracy poderiam acontecer com moradores do Presidente Collor, e assim não seria interessante fazer qualquer recorte prévio. Teria que deixar-me conduzir pelas próprias redes sociais que eu pudesse ali encontrar. Para os propósitos deste artigo, importa ressaltar que está sendo considerado o “Grande Cidade Aracy” – conforme ouvi algumas vezes.
- 7 Para falar sobre o Aracy, não precisarei recorrer muito à literatura, pois foi ao longo do contato direto que entendi seu surgimento, sua formação e história. Obtive informações tanto por meio de conversas com moradores que acompanharam sua constituição, como por conversas com pessoas da prefeitura envolvidas em seu processo de formação. Foi difícil encontrar detalhes sobre sua história na bibliografia. Mesmo os trabalhos realizados no bairro, desde os mais acadêmicos até os de extensão, trazem poucas informações.
- 8 Alguns dados sempre aparecem: o bairro formou-se de maneira totalmente inadequada, pois se trata de uma área de mananciais, que não possui condições propícias para uma ocupação irrestrita, a qual tornou-se ilegal em virtude de o bairro estar numa área de proteção ambiental (Sanchez e Dal Bello, 2001). Mas, como sua ocupação foi incentivada e produzida por um forte agente especulador do mercado imobiliário, o bairro acabou sendo ocupado mesmo que de maneira imprópria.
- 9 Constituiu-se do modo com que geralmente se constituem bairros periféricos, com uma série de irregularidades que hoje a Secretaria de Habitação, da Cidadania e a Prefeitura em geral têm buscado resolver. O Núcleo de Pesquisa e Documentação do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar (1994) apontou o bairro como um dos mais carentes quanto à educação, saúde, segurança, renda familiar e inserção no mercado de trabalho. Enfim, a história registrada apontava para irregularidades, problemas e deficiências.
- 10 Segundo o que me disseram os moradores, o espaço que o bairro ocupa hoje era uma fazenda pertencente à família Pereira Lopes, que, na década de 80, passou a vender

lotes de uma parte dela, à que corresponde ao Aracy I, primeiro espaço habitado por moradores entre os quais muitos permanecem lá até hoje. Esses primeiros moradores com quem conversei chegaram a esse “loteamento vendido” em 86, quando já fazia uns 5 ou 6 anos que ele existia em estado totalmente precário.

- 11 Até que foi feito o primeiro “loteamento doado” pela imobiliária Faixa Azul, de propriedade de Aírton Garcia⁴. O bairro passou a receber muita gente em virtude de um esquema de doação de lotes ocorrido no final de 80 e início de 90. A primeira doação foi a do Presidente Collor e a segunda foi a do Antenor Garcia. A única condição imposta a quem recebia o terreno era construir o alicerce de pelo menos um cômodo no prazo de um mês, caso contrário, a doação seria feita para outra pessoa interessada e em condições de construir.
- 12 Nas doações cada lote foi dividido em dois meio-lotes, doava-se um e outro não, com o intuito de que a própria pessoa que recebera meio-lote doado pudesse depois comprar a outra metade ao lado, constituindo um lote inteiro. Isso muitas vezes não aconteceu e o que se vê hoje são casas de meio lote, especialmente no Antenor Garcia. Assim, o bairro começou com poucas casas nos loteamentos vendidos e com muitas pessoas vindo para as doações, almejando construir em seus terrenos para que estes não fossem perdidos.
- 13 O bairro, mesmo sem estrutura nenhuma, começou a ser povoado e, devo dizer que num período de dez anos, passou por profunda transformação, para melhor, no que diz respeito à sua estrutura, ou seja, abastecimentos de água, asfalto, esgoto, etc. Além disso, foram construídas escolas, creches, posto de gasolina, banco, posto médico e uma série de outros comércios. Muitos dos que ali moram hoje puderam assistir a esse processo de transformação e falam dele com orgulho, sentindo-se parte dele e incluindo-se entre os que um dia “acreditaram no bairro”.
- 14 Há uma série de histórias sobre sua constituição e construção, as quais se repetem, especialmente entre moradores mais antigos, como, por exemplo, a história do cemitério, onde funcionava a escola, pois a construção a ela destinada permanecia fechada, aguardando as eleições. Conforme me disseram, houve uma invasão do prédio escolar, onde hoje funciona o Caíque, para crianças do ensino fundamental. Há também histórias que envolvem o abastecimento de água, a limpeza dos terrenos, suprimento de energia, a distribuição de cartas, e mesmo o esquema de doações, já que os próprios moradores trabalhavam na imobiliária. Enfim, inúmeras participações dos próprios moradores são relatadas por eles com orgulho.
- 15 O fato é que o Aracy transformou-se nos últimos dez anos, como dizem. Hoje os moradores enumeram as melhorias: “hoje tem tudo no Aracy”. Presente a essa história de construção do bairro encontrei não apenas orgulho, mas uma mistura de sentimentos. Se os moradores mais antigos relatam sua participação nesse processo de construção do bairro, há também um tipo de discurso que se estende aos demais moradores que, apesar de se orgulharem pelo que o Aracy é hoje, atribuem à fase inicial do bairro a responsabilidade pelo estigma que ele carrega desde aquele tempo.

Relação com a cidade: estigma

- 16 Certo dia eu estava na “serrinha”, tirando fotos, quando desceu uma charrete com um casal, e a mulher me disse: “esse buraco é encantado!”. Para mim, essa frase foi muito significativa. Primeiro, por ela usar a expressão *buraco*, sim, fisicamente é um buraco,

mas essa palavra não deixa de carregar outros sentidos, conforme será adiante explicitado. Foi significativo também o fato de ela dizer “*encantado*”, porque aquele espaço guardava, para mim, uma série de relações que eu não compreendia. Uma série de símbolos, significados que eu não sabia ler.

- 17 A frase, dita em tom de brincadeira e risada diante do interesse estranho pelo bairro, foi completada: “*o que tem aí?*”. Essa pergunta eu só poderia responder com o que ela mesma já havia dito: “*esse buraco é encantado*”, pois isso ele era para mim, um lugar ainda mágico, no sentido de fascinar e mostrar-se indecifrado. Um lugar em que tive também muita dificuldade para me aproximar, especialmente pelos estigmas que ele carrega.
- 18 Um dos pontos importantes que aproximam todos os moradores do Aracy é a sua convivência num bairro altamente estigmatizado. Além de eu ter percebido esse estigma logo no início da pesquisa, os moradores, independente de sua procedência, ocupação, posição e relação com o bairro, identificam a mesma coisa: reconhecem o preconceito que sofrem por serem moradores do Aracy. Seguem as palavras da paraibana, moradora do Presidente Collor:

Teresa- As pessoas que não moram aqui eles acham que é muito perigoso (...) Tem preconceito até para arrumar emprego. Se eu for me empregar e perguntarem para mim se eu sou da Cidade Aracy, eles fazem questão de não me empregar, eles desclassificam a Cidade Aracy, mas se você for ver, em todos os bairros acontece o que não presta

E quando vocês vão procurar emprego, vocês falam que moram no Aracy?

Teresa - Eu falo, só que eu fui barrada duas vezes por ser do Aracy. Eu fui lá na Agência... O Balcão de Emprego (...), tinha uma mulher que tava precisando, ela precisava e dizia que pagava 350 pra cuidar de duas crianças, lavar, passar e cozinhar, então aí foi pegar a minha ficha, aí ela diz que tem que ter 2 anos, aí mostrei os documentos e ela disse “essa aí tá boa pra mim”, aí quando ela perguntou de onde eu era, aí eu falei que eu morava no Aracy, aí ela disse, “opa, no Antenor?”, eu disse “não, no Aracy I, é Presidente Collor”, aí ela disse, “ah, então já não vai dar certo; pra mim é melhor que se fosse mais de perto, Santa Felícia”. Entendeu?

Mas no fundo não faz diferença a pessoa ser de Santa Felícia ou morar aqui, porque tem que pegar o ônibus do mesmo jeito...

Teresa - Então, é, mas... O preconceito que eles têm, acham assim, por exemplo, se alguém aqui matou, ou que roubou, se nós somos do Aracy é como que a gente estar abrindo portas na casa deles (...).

- 19 Todos com os quais conversei mais detidamente falaram a esse respeito. Acredito que isso se deva não somente ao fato de sentirem em sua vida o preconceito, mas também ao fato de essa questão já ter sido falada na imprensa, tratada por pesquisas, provavelmente já discutida nos centros comunitários, falada em reuniões e encontros que acontecem no bairro.
- 20 Jardim (2003) – que desenvolvia, nos meses de minha pesquisa, um trabalho de inclusão social Aracy - toma como premissa a pesquisa do NPD/DCSo da UFSCar (1994) sobre exclusão social em São Carlos, ao afirmar que o fato de os moradores desse bairro não se inserirem no mercado de trabalho não estava associado a questões de baixa escolaridade, mas relacionado ao estigma da pobreza.
- 21 Vale lembrar o que disse Goffman: o estigma pode ser lançado sobre alguém – ou grupo social – não tanto por seus atributos pessoais, mas por uma designação social (Goffman, 1988). O estigma se refere sim a atributos profundamente depreciativos, só que, deve-se

ter em mente que tais atributos só se definem na relação (entre atributo e estereótipo) e segundo cada ambiente social⁵. De todo modo, pertencer a um grupo que carrega o “estigma da pobreza” traz conseqüências sociais significativas – para as quais importam menos as características propriamente ditas, como é o caso da baixa escolaridade.

- 22 Os moradores do Aracy compreendem de alguma forma que estão lidando com esse estigma ao se inserirem na cidade de São Carlos, mais especificamente, ao tentarem se inserir no mercado de trabalho da cidade. Reconhecem que deixaram de conseguir empregos que já estavam praticamente certos quando declararam residir no Aracy. Mesmo o bairro tendo melhorado em diversos quesitos – ruas asfaltadas, serviços públicos, igrejas, bancos – os moradores ainda convivem com o estigma – e o reconhecem.
- 23 Eu mesma tive medo de ir para lá desenvolver a pesquisa, pois sempre fui na cidade de São Carlos uma estudante que, como todos os outros, movimenta-se na parte central da cidade, nunca tendo passado a linha do trem – é a partir dela que começam os bairros mais residenciais, começa também a periferia, quase nunca vista. Ao mesmo tempo em que ninguém a “vê”, todos parecem saber da “fama” que tem.
- 24 Quando estive pela primeira vez no ponto de ônibus para ir para o Aracy, pedi informação a um motorista que ali estava. Quando eu disse que teria de ir para o Aracy, ele fez cara feia e perguntou se eu ia dar aula lá, já que eu havia falado que gostaria de descer em frente à escola Caíque. Expliquei que ia fazer uma pesquisa no bairro, e sua reação se repetiu. Essa é a reação geral das pessoas quando se diz que vai para o bairro, são “brincadeiras” – mais de uma vez me perguntaram se eu estava levando colete à prova de balas – e expressões faciais que mostram, no mínimo, que se trata de um bairro estigmatizado em toda a cidade de São Carlos.
- 25 O Aracy é representado como bairro pobre, muito pobre, violento e perigoso. Conversei com professores da escola do bairro que me alertaram do perigo, falaram das brigas que acontecem em frente à escola, e da cautela que eles tomam. A maioria das pessoas que tem contato com o bairro, e que não mora nele, tem medo, um medo menor do que aquele que sentiram inicialmente, mas permanece o receio. Geralmente não ficam circulando pelo bairro, muito menos a pé. Não se envolvem com ele, chegam de carro ou ônibus, vão para a escola, centro comunitário ou hospital e depois para casa.
- 26 Todas as pessoas que tiveram de ir para o bairro por algum motivo, seja um estágio, um trabalho, relataram-me que sentiram muito medo no início. A própria diretora da escola me disse que num raio de cinco quarteirões da escola ela já havia andado e achado tranqüilo, mas que não podia me garantir sobre o restante. Logo no meu primeiro dia andando pelo bairro, ficava evidente que eu estava sendo vítima também do peso do estigma. Fiz a seguinte anotação em meu caderno de campo:
- “... andei alguns quarteirões pelo bairro, tenho a sensação de que por aqui as coisas são um pouco melhores, as casas, por exemplo. Tem escolas, mercados, atendimento médico, tudo por aqui, no espaço pequeno que andei”.
- 27 Dirigia-me ao bairro com a idéia que geralmente se tem dele, a de que eu encontraria um bairro muito pobre, portanto, sujo, violento, perigoso. No entanto, encontrei ruas tranqüilas, asfaltadas, prédios bem construídos e acabados, escola e posto médico. Minha anotação mostra o que foi se solidificando depois: o bairro, vítima do estigma, tomava para mim, a partir de um contato maior, outras formas. Compreendi, analisando minhas próprias representações, que eu estava sentindo nada mais que o peso do estigma que o bairro carrega. Peso esse sentido provavelmente com mais

intensidade pelos próprios moradores. São diversas as histórias que ouvi deles a esse respeito. Como na fala da alagoana Elizete, que morou 18 anos em São Paulo antes de mudar-se para São Carlos:

Elizete - Que nem ela, a Camila, que é empregada dela, mora ali na Vila Nery (...). Então, “ah Elizete, Deus me livre morar ali naquele lugar, naquele Aracy! Ah, não sei como você tem coragem de morar naquele Aracy, eu não tenho coragem de botar meus pés ali”. Eu falei para ela, menina, escuta cá uma coisa, a Aracy, todo mundo fala do Aracy, que o Aracy é falado...

Quem falou isso, desculpa, a que mora na Vila Nery?

Elizete - É.

Que não é a patroa

Elizete - Não, é a empregada. Aí eu falei para ela, “ó, eu morei em lugar pior que Aracy, que foi Diadema (...), é misturado com traficante, bandido, tudo quanto não prestava lá dentro de São Paulo (...). Eu morei dezoito anos em Diadema, e eu nunca achei que era tão perigoso igual acham o Aracy.”

Aqui o Aracy você acha perigoso?

Elizete Isso é o povo que fala filha (...), todo mundo fala que aqui o Aracy não presta (...).

Filha- Uma vez tava falando no jornal, que o povo do Aracy não arruma serviço porque chegava no serviço falava assim, “onde você mora?”, “eu moro no Aracy”, aí já dispensa.

Elizete- Ninguém quer!

Pois é, eu comecei a perceber isso também, que eu falei várias vezes que eu vinha trabalhar aqui, várias pessoas torceram o nariz. Que eu falei, ué, eu não conheço, que eu não conhecia, nunca tinha vindo, mas aí eu pensei, “gente, o que tem de mais aqui?”.

Elizete - Viu?! Viu?!

Achei super tranquilo, tô andando nas ruas sem medo, sossegada.

Elizete - Tá vendo, e ela é de fora! Não tem um pingo de medo de vim aqui, vê que aqui não tem bicho!

- 28 Várias questões relevantes para a análise emergem dessa fala. Poder-se-ia pensar que a estigmatização do bairro relatada pelos moradores reflete a dominação especialmente econômica tal como sugere Zaluar ao se referir à separação “embutida nos rituais de dominação de classe que incluem um rigoroso afastamento do local de moradia dos pobres” (Zaluar, 1985:12). Elizete relata uma conversa que aconteceu entre ela e uma outra doméstica, moradora também de um bairro periférico de São Carlos.
- 29 Isso mostra que o afastamento e a estigmatização do Aracy não refletem apenas a dominação de classe, mas incluem outras formas de poder, não só o econômico. O bairro também é estigmatizado por moradores de outros bairros periféricos, inclusive menos estruturados que o Aracy - me refiro à estrutura de um bairro como asfalto, iluminação, rede de esgoto, etc.
- 30 Os moradores do Aracy relatam preconceito para com eles vindo não apenas dos patrões, que não os querem empregar, mas vindo também de seus colegas de trabalho moradores de outros bairros periféricos. É o que também aparece no exemplo abaixo, que relata a reação dos colegas ao passarem pelo Aracy no ônibus da empresa em que trabalham:

Antonio - Quando eu entrei na Volks, comecei a trabalhar na Volks, tem muitas pessoas que vêm de fora pra trabalhar aqui, inclusive de São Paulo, mas chegaram aqui ficaram sabendo da fama, quer dizer, Cidade Aracy é um lugar perigoso, não dá para morar. O ônibus que vinha da Volks passava aqui, para deixar umas pessoas, que trabalhavam lá, e para ir para outro bairro. Dentro do ônibus você ouvia, “ó pessoal, fica quieto que a gente tá passando dentro da Cidade Aracy”, uns até falavam, “ó, abaixa aí que a gente tá passando na Cidade Aracy”.

- 31 Assim, o Aracy é representado como bairro situado abaixo dos demais não apenas pela elite são-carlense mas por todos. Existe, incluída nessa separação entre o bairro e o restante da cidade, a idéia de que o Aracy foi construído realmente para ser uma cidade separada de São Carlos.
- 32 Tal pensamento é geralmente associado ao fato de o Aracy ser muito maior que várias cidades vizinhas de São Carlos, podendo então constituir-se numa delas. Ouvi isso diversas vezes de pessoas ligadas ao bairro, como professores, bem como ouvi de moradores. Muitos dizem que não por coincidência ele leva o nome de Cidade Aracy. Luís, funcionário da prefeitura, disse o seguinte quando perguntei sobre isso:
- E por que tem esse nome Cidade Aracy, é verdade que ele queria realmente fazer uma cidade?
- Alberto**– Porque não é uma cidade, isso aqui?
- 33 Esta noção de que ele constitui praticamente uma cidade contribui para sua diferenciação, segregação, afastamento e estigmatização⁶. Se o bairro é representado como lugar muito pobre e violento em toda São Carlos, e ao mesmo tempo existe a premissa de que ele deveria ser uma cidade separada, toda essa pobreza e violência não são desse modo assumidas como integrantes da cidade pelos que nela residem – aqui me refiro aos que moram acima da “serrinha”.
- 34 Seria ele próprio uma cidade, e se não é ainda, poderia e deveria ser, assim ele é geralmente visto. Desse modo, o Aracy é incluído na sua relação com São Carlos como um bairro à parte, especialmente separado e afastado daquilo que é São Carlos. A esse respeito, diz o seguinte esta outra funcionária da prefeitura:
- Iara**– (...) é um bairro completamente distante da região central, aí criaram Cidade Aracy, fica parecendo que é...
- Foi de propósito esse nome?*
- Iara**– Com tanto que as pessoas, por exemplo, falam não o Cidade Aracy, porque se é bairro é o Cidade Aracy, e as pessoas falam a Cidade Aracy, parecendo já que é uma cidade separada. Com tanto que na entrada, no outro lado da cidade, agora não, nós tiramos... Tinha escrito em letras de cimento Cidade Aracy, parecia que era uma cidade.
- 35 Essa fala aponta para algo realmente notável, a grande maioria das pessoas, moradoras do bairro ou não, referem-se a ele como a Cidade Aracy ou a Aracy, e quase nunca como o Aracy. Isso expressa a forma como ele foi socialmente construído, forma que o colocou, desde o princípio, separado de São Carlos, constituindo uma cidade. A história de que o bairro, desde o princípio, fora construído para ser uma cidade é contada por aqueles que são considerados os mais antigos moradores do Aracy. Assim, ele é socialmente construído a partir da idéia de separação de São Carlos, tal como diz a moradora:
- Isabel**– O Airton já fez isso aqui como Cidade Aracy porque disse que isso aqui um dia vai ser cidade Aracy, não vai ser bairro Aracy (...) É, pra ele, na época ele dizia assim, que ele construiu esse bairro e pôs o nome de Cidade Aracy por propósito de no dia de amanhã isso aqui virar uma cidade independente, né, como se diz, emancipar ela, aqui ter prefeito, ter tudo que tem...
- 36 Assim, essa noção foi também apropriada e endossada pelos próprios moradores que hoje empreendem, em seus discursos, uma nítida separação entre o bairro e São Carlos, incluindo em sua concepção elementos do estigma que o bairro carrega. Eles contribuem para a separação não apenas ao dizerem que o bairro fora construído para ser uma cidade separada, mas também ao se referirem, de maneira corriqueira, ao

Aracy e ao *lá para cima*. Essa expressão é usada para se referir a tudo que está depois da “serrinha”, e acaba colocando o Aracy no espaço que ele ocupa em sua relação com São Carlos: não apenas abaixo na questão espacial, mas também na questão simbólica implicada aí, que o associa à pobreza, que o coloca como pior que qualquer outro de São Carlos.

37 Assim, o estigma também foi apropriado pelos moradores do bairro, que, embora o reconheçam, acabam por endossá-lo à medida que reforçam a separação, à medida que diferenciam o Aracy do *lá para cima*; valorizando tudo o que lá está, terminam por incluir na separação o preconceito e estigma que reconhecem. Segundo Goffman (1988), indivíduos estigmatizados tendem a ter a mesmas crenças que os não estigmatizados, desta forma incorporam padrões da sociedade maior que os fazem, em alguns momentos, concordar com o fato de que eles ficam abaixo do que realmente deveriam ser.

38 Apesar de praticamente todos dizerem que gostam de morar no bairro, reconhecem que tudo *lá para cima* é melhor, e que foram morar no Aracy porque os terrenos eram mais baratos, enfim, moram no bairro por uma questão econômica, pois apenas no Aracy podiam comprar ou receber um terreno e construir uma casa, é o que geralmente dizem:

Isabel - São pessoas que compraram aqui porque não tinham condições de comprar em outro lugar, que nem no meu caso. Eu comprei aqui porque meu dinheiro não dava para comprar lá pra cima, sabe?

39 Como se percebe, ela, em seu discurso, valoriza o terreno *lá para cima* em detrimento do Aracy. Isso realmente não quer dizer que todos os terrenos *lá para cima* sejam mais caros que os do Aracy como sua fala aponta. Conforme eu disse, o Aracy é representado como inferior inclusive a bairros tão pobres quanto ele, mas que se situam acima da serrinha. Assim, os próprios moradores do Aracy, apesar de muitas vezes gostarem de morar ali, nunca dizem que escolheram o bairro, mas foram impelidos pela falta de dinheiro, ou atraídos pela possibilidade de ter um terreno e construir uma casa. O desejo seria um terreno *lá para cima*, não faltam exemplos como a fala da alagoana Elizete:

Mas ele queria morar pra cima? [referindo-me ao marido dela]

Elizete - Ah, ele tinha vontade de morar mais *pra cima* porque aqui é um lugar muito parado, tudo tem que ser *lá pra cima*.

·*Lá pra cima aonde?*

Elizete - Depois do Cruzeiro [primeiro bairro existente depois da “serrinha”].

·*Ah, sair da Cidade Aracy.*

Elizete - É, comprar em outro lugar melhor, mas como?

·*Mas aqui você não está achando bom?*

Elizete - Eu gosto daqui entendeu, mas aqui é muito assim, difícil. Você quer ir no mercado, tudo longe, os daqui, não tem condições.

40 Geralmente as pessoas do Aracy, embora tenham disponíveis no bairro comércios e mercados, dizem preferir fazer suas compras “em São Carlos”, alegando que lá tudo é mais barato, há mais variedade, opções, enfim, geralmente é para onde vão gastar seu dinheiro com alimento, roupas, sapatos e outros objetos. Todas as pessoas do bairro com as quais conversei dizem que preferem o centro da cidade para muitas coisas que poderiam fazer no bairro, coisas especialmente ligadas ao consumo. E assim ganham sentido na lógica da cidade: como estigmatizados moradores de um bairro que tende a

se afastar cada vez mais de São Carlos, embora, por outro lado, constituam-se mão de obra e mercado consumidor para toda a cidade.

As redes no bairro

- 41 Da mesma forma que o bairro tomava novos contornos à medida que eu empreendia uma aproximação dele – não era tão sujo, pobre e violento quanto lhe pesava o estigma – os migrantes também se diferenciavam do que eu esperava encontrar. Me surpreendeu o fato de que muitos trabalhavam na grande indústria de São Carlos, tinham cursos profissionalizantes, moravam em casas grandes e bem acabadas, em ruas asfaltadas e com toda estrutura, algumas vezes eram donos de estabelecimentos comerciais, ou seja, um quadro totalmente diferente do que esperava encontrar quando pensei em estudar migrantes de um bairro periférico.
- 42 Ao mesmo tempo, conhecia também aqueles que pareciam estar no outro extremo, mais próximos da representação que geralmente se tem de um migrante: morando em casas mais simples, mal-acabadas, nas ruas mais pobres do bairro, ruas de terra, que muitas vezes antes de se mudarem eram trabalhadores sazonais, portanto, que trabalhavam em Usinas, no corte da cana, assim como também na laranja, cujas mulheres, além do trabalho na roça, também eram faxineiras ou empregadas domésticas. Eu estava diante de duas redes de relacionamentos sociais distintas. Ambas serão aqui brevemente descritas quanto ao conteúdo de seus vínculos, para que seja dada continuidade à análise que relaciona essas famílias e indivíduos contidos em redes à estrutura do local que ocupam.
- 43 Na segunda rede descrita, percebi que havia uma forte rede de solidariedade intra-familiar permeando todas as organizações e acontecimentos da vida individual. As relações sociais geralmente estavam restritas à família. No bairro, era notável que seus relacionamentos concretos desenrolavam-se apenas com todos os que pudessem ser considerados parentes. Somente entre parentes aconteciam as visitas e estavam sempre na casa um do outro. Chamei essa rede de *rede de malha estreita*, termo cunhado por Bott (1976). Os relacionamentos gerados em seu interior, na maioria, eram densamente amarrados por vínculos de parentesco. E os parentes tendiam a se conhecer entre si.
- 44 O que os fazia estar próximos no espaço social, o que dava a possibilidade de se aproximarem pelo casamento era o fato de apresentarem trajetória social associada à tentativa de saída de uma posição de miséria, especialmente descrita pelo sentimento de iminência da fome, valorizavam o *ter comida*. A trajetória dos migrantes ganha sentido não quando pensamos nas cidades pelas quais passaram, mas na sua *trajetória social* definida em termos do *ter*. Trata-se de uma única trajetória social a ser percorrida, válida para todos os migrantes moradores do Aracy. Diferencio, contudo, em função disso, aqueles que apresentam *trajetória reduzida* e aqueles que, nessa mesma trajetória, apresentam *trajetória extensa*.
- 45 Os migrantes que integram a *rede de malha estreita* acima descrita apresentam *trajetória reduzida*. Isso remete à posição atrelada à tentativa de saída da miséria, posição em que é importante o *ter comida*. Ocorre que o *ter*, definidor da trajetória social dos migrantes do Aracy, era uma categoria um tanto genérica que poderia abranger desde o *ter comida*, até o *ter muito mais que uma casa*. Trata-se de um recorte importante que fora

- apresentado pelos próprios moradores e que separava os migrantes do bairro entre os que “tinham no máximo uma casa para morar” e os que “tinham muito mais que uma casa”.
- 46 Isso foi definido de maneira atrelada à estrutura do próprio bairro. O que estimulou os migrantes a morarem lá foi a possibilidade de adquirir um terreno e construir uma casa. De modo que *ter a casa* era algo muito importante para todos os moradores, sempre descreviam sua trajetória em função disso, das casas que tiveram que alugar, do que puderam construir, sempre querendo mostrar a casa, o prédio que têm construído. Para os que apresentam trajetória reduzida *o construir*, categoria social importante ali, é sempre um *por vir*, um desejo, um sonho. Uma visão muito presente no bairro são as casas com seus tijolos à mostra, ilustrando o que venho dizendo. Trata-se de uma construção permanente.
- 47 Se havia esses migrantes com *trajetória reduzida*, valorizando o *ter comida*, o *ter a casa*, sendo que *o construir* era sempre um *por vir*, havia, por outro lado, aqueles migrantes que pareciam ocupar um outro extremo dessa mesma trajetória: os de *trajetória extensa*. Esses tinham *muito mais que uma casa para morar* e, se um dia conviveram com a iminência da fome, esse medo não é mais sentido. Como os demais migrantes, valorizavam o *ter*, valorizavam aquilo que tinham, gostavam de enumerar seus bens e imóveis, bem como sabiam enumerar os dos outros.
- 48 Se os migrantes de *trajetória reduzida* tendiam a compor a *rede de malha estreita*, migrantes que apresentam *trajetória extensa* tendiam a compor a *rede de malha frouxa*. Na rede assim definida, as relações sociais concretas não se restringiam a parentes, e os conhecidos de um, muitas vezes, não eram conhecidos de outro. Havia muitos limites para os relacionamentos gerados no interior dessa rede, que muitas vezes não tinham suas tramas fortemente amarradas. Isso não significa que nela não houvesse vínculos fortemente amarrados pelo parentesco, que perduram e se fortalecem ao longo do processo migratório. Ao descrever as redes pelos tipos de vínculos gerados em seu interior, não quero dizer que eles sejam hegemônicos, mas preponderantes⁷.
- 49 Os desta rede moravam no “miolo” com casas melhores – não se tratava de divisão mecânica entre os bairros do “Grande Aracy”. A parte considerada melhor é aquela em que os terrenos, mesmo que um dia doados, puderam ser comprados. A capacidade que seus atuais moradores tiveram de comprar o terreno é valorizada no bairro. Especialmente os que moram na parte considerada melhor, ao falarem sobre isso evocam o passado do bairro, a época das doações, dizendo que os que receberam terrenos doados são responsáveis pelo estigma ruim que o bairro carrega.
- 50 Dizem que com as doações vieram aqueles que gostam de receber as coisas sem esforço, não gostam de trabalhar, e geralmente os associam à violência. A parte do bairro que chamam de *lá para baixo*⁸ é vista como mais vazia de casas, explicam que é porque a maioria recebeu meio-lote doado e não pôde sequer comprar a outra metade. A parte valorizada do bairro seria a parte mais cheia, sem muitos terrenos vazios, com mais casas e com casas que ocupam um lote inteiro, o que indica que os moradores puderam comprar meio-lote ao lado do que foi doado.
- 51 As duas redes dividiam-se por esses dois espaços diferenciados do bairro. Com relação à posição ocupada, eles se diferenciam inclusive quanto ao modo de se relacionar com o bairro e com toda a cidade. Analiso a seguir alguns de seus espaços de sociabilidade, as escolas são enfatizadas.

Espaços de socialização

- 52 Conforme já analisei, todos os moradores do Aracy valorizam os bairros lá para cima, por exemplo, ao dizerem que preferem fazer suas compras lá, onde acham os terrenos também melhores, onde gostariam de morar, é mais perto de tudo, etc. Ao mesmo tempo em que reconhecem que o bairro é vítima do estigma, tendem a valorizar o lá para cima, procurando se afastar do Aracy bem como se diferenciar dos seus moradores – mesmo sendo um deles. Na busca por esse afastamento, devo dizer que os migrantes de trajetória extensa possuem maior êxito.
- 53 São os que mais empreendem tal afastamento em sua vida cotidiana, freqüentando mais o centro de São Carlos e estando mais presentes nos espaços da cidade. Por exemplo, seus filhos estudam geralmente em escolas de lá, há mais parentes, como irmãos, que moram em bairros *lá para cima*. Já os migrantes de trajetória reduzida dizem ir ao centro de São Carlos apenas para comprar – conheci apenas uma garota que fazia um curso lá. Apesar de alguns deles terem morado em outros bairros da cidade antes de terem se mudado para o Aracy – como é o caso de Paulo, que morou em casa alugada pela empresa em que trabalhava – foram os migrantes de trajetória extensa que em sua grande maioria disseram-me ter morado em outros bairros antes de se mudarem para o Aracy. É o que descreveu Antonio:
- Antonio** - Fiquei na casa do meu cunhado, ele mora em Santa Felícia (...) Aí fiquei lá na casa dele né, só que aí ela veio [sua esposa] e ficou desempregada. O aluguel no Santa Felícia tava mais caro, que o bairro é mais evoluído né? (...) Aí a gente ficou morando aqui [Aracy]. Aí mudei para o Tijuco, fiquei um ano lá no Tijuco.
- 54 Ou então como colocou Ana⁹, para não citar um exemplo apenas. Ela contou sobre outros bairros nos quais morou, disse gostar do centro e que está ali por falta de dinheiro:
- Ana** – Minha mãe morava lá no Pacaembu, perto daquele cemitério, não sei se você conhece (...) Então né, aí ele arrumou trabalho e nós nos mudamos da casa da minha mãe e fomos morar na Sete de Setembro, perto do asilo (...) Aí eu fui morar com a minha cunhada aqui no Pacaembu, com um dos meus irmãos que não tinha criança nem nada. Fiquei uns tempos lá, depois eu aluguei casa e nós fomos morar lá na avenida Saloom, perto da Igreja Santo Antonio. Aí fiquei um tempo lá, daí aluguei uma casa para mim e meus filhos, lá na Conde do Pinhal, lá no centro. Eu sou muito centrista demais! (risos)
- (...)
- E você morava no centro ainda?*
- Ana** – É, aqui faz pouco tempo que eu estou. Eu sempre morei lá no centro da cidade (...) Minha mãe faz tempo que mora aqui, acho que faz uns oito, dez anos. Ela morava perto da Madre Cabrini, né, no começo. Ela morou aqui sozinha esses anos todos, coitada (...) Mas a minha intenção era arrumar um emprego bom e ir...
- Lá pro centro! (risos)*
- Ana** – Eu não sei, agora está mais difícil, por causa da idade, a crise do país também, né. (...) Ultimamente tá meio bravo de trabalho. Então menina, aí eu precisei vir morar aqui né, pouca grana...
- 55 Tudo isso mostra não apenas a valorização dos bairros do centro, como também evidencia a aproximação que eles empreendem com esses mesmos bairros: tendem a falar de sua passagem e ligação com outros bairros “mais evoluídos” que o Aracy (como disse Antonio), valorizando tais bairros em detrimento do Aracy, dizendo que ali estão

por uma questão financeira. Assim, aproximam-se mais do centro de São Carlos, criando, em alguma medida, distanciamento do Aracy e da massa de seus moradores.

- 56 Apesar de os migrantes da outra rede também valorizarem outros bairros de São Carlos, não demonstram terem tido ligação com eles, da mesma forma que atualmente também não possuem, ao menos não da mesma forma que os migrantes sobre os quais venho falando. Estes com trajetória extensa não apenas moraram ou tiveram passagem por outros bairros, como mantêm contato intenso com eles. Íris, filha de Antonio, estuda no SESI, localizada em outro bairro da cidade. Antonio disse que acha as escolas do bairro Aracy muito bagunçadas, que poderia até ser um pouco de preconceito por parte dele, mas que roubaram o tênis de sua filha logo no primeiro dia de aula.
- 57 Íris disse não ter vontade de estudar nas escolas do bairro pelos mesmos motivos que seu pai aponta, são muito bagunçadas e ela chegou a ser roubada. Contou que em uma das escolas do Aracy tem gente que inclusive usa drogas ilícitas, como a maconha. Perguntei se ela tinha amigas que estudavam no bairro (Caíque) e ela disse que sim, perguntei se elas gostariam de estudar no SESI, e ela disse que sim. Os jovens desta rede tendiam a estudar nas escolas situadas acima da serrinha, e gostavam de estudar nelas.
- 58 No bairro o Caíque funciona até o ensino fundamental e há no Grande Cidade Aracy mais duas escolas de ensino médio. Patrícia, filha da dona de uma casa de frios no bairro, estuda na Aracy Pereira Lopes, uma escola que fica logo acima da serrinha, no bairro Cruzeiro do Sul. No Aracy inclusive passa um ônibus para levar os estudantes para essa escola, o que mostra que não apenas ela estuda lá. Num momento mais espontâneo da conversa que tínhamos ela disse que não gosta da escola do bairro e faz “cara feia”, mas num segundo momento – como ninguém quer parecer preconceituoso – explica que não gosta porque é ruim conviver com certas pessoas no bairro e ainda depois encontrá-las no colégio. Ao mesmo tempo me diz que tem bastante gente do Aracy que estuda lá, mesmo porque, explica, nem todos conseguem vaga no bairro.
- 59 O caso dela é diferente porque realmente deseja estudar ali, mas conta que alguns só vão porque no Aracy não conseguem vaga. Ela me disse que estuda *lá para cima* desde pequena e que nunca nem pensou na possibilidade de estudar no Aracy, e não pensa nisso. Também disse outro motivo que a faz gostar de estudar no Cruzeiro do Sul: ela tem parentes que moram lá, fala de sua avó e também de seu namorado. Assim, conta que é também no Cruzeiro que ela passeia, mesmo porque “no Aracy não tem opção”. Além de ir então para estudar, contou que aos finais de semana passeia por lá com seu namorado, vão na sorveteria e ela aproveita para ficar mais com a família, que se reúne na casa de sua avó.
- 60 Essas reuniões familiares acontecem todos os finais de semana, em todos os feriados, datas comemorativas, tudo acontece na casa de sua avó. Geralmente vão os filhos (de sua avó), netos, genros, e o namorado dela. Assim, percebe-se que não se trata apenas de ela estudar fora do Aracy, mas de toda a família que tem seus momentos de lazer e encontro fora do bairro, talvez por isso digam que no Aracy não saem de casa, só trabalham. Ou seja, não apenas esses estudantes estabelecem mais contato com outros bairros de São Carlos, mas também seus pais. É o que acontece também no caso de Íris, que, da mesma forma, desde pequena, estuda fora do Aracy.
- 61 Além da escola, ela também faz cursos de jazz e coral fora do Aracy, atividades oferecidas pela Igreja Presbiteriana. Sua mãe, Tatiana, também frequenta a Igreja Presbiteriana que não existe no bairro, apenas fora dele. Sua filha apresentou no bairro

sua dança de jazz, o que faz pensar que existam outras crianças do Aracy que ensaiem com ela, e que certamente estas não são as filhas dos migrantes que apresentam trajetória reduzida, conforme se verá. Por exemplo, Íris me disse que mais duas garotas de sua rua estudavam no SESI, e que sabia de mais três da rua de cima, são os migrantes de sua rede de relacionamentos, que moram nas ruas consideradas melhores, têm mais contato com o resto da cidade e mais se afastam do Aracy nos momentos de sua socialização.

- 62 O irmão de Tatiana (esposa de Antônio e mãe de Íris) também não mora no Aracy e dizem que a única pessoa que visitam é ele. Talvez por esse motivo eu não os via circulando tanto no bairro – como via os migrantes da outra rede – por isso me diziam que não saíam de casa para ir à casa de ninguém que morasse ali, ou para ir a qualquer lugar ou evento do bairro. Quanto mais freqüentam os espaços fora do bairro mais os migrantes com trajetória extensa relacionam-se com pessoas que moram nesses outros bairros, como é o caso da garota da casa de frios, Patrícia, que namora um garoto morador do Cruzeiro do Sul.
- 63 Os espaços que lhes abrem a possibilidade de uma série de relacionamentos sociais de forma alguma se restringiam ao Aracy e aos seus moradores. Ao contrário, tendem a possuir pontos de contato em toda a cidade. Assim, todos da rede que inclui membros de trajetória extensa, a quem perguntei onde estudavam seus filhos, todos me disseram que fora do bairro, a não ser aqueles que tinham filhos ainda em idade de creche.
- 64 Alguns me contavam que eles mesmos haviam estudado em escolas fora do Aracy, se bem que num passado não muito remoto simplesmente não havia ainda escolas no bairro. Mas, também deve-se considerar que algumas vezes eles fizeram cursos profissionalizantes no centro, e alguns inclusive fazem hoje faculdade, o que não poderia acontecer no bairro, e o que só poderia acontecer entre estes de trajetória extensa, que realmente se estendem e se relacionam mais com toda São Carlos.
- 65 Quanto aos estudantes, a maioria vai por gosto para as escolas que estão acima da serrinha. Já na rede cujos membros apresentam trajetória reduzida, a maioria estuda nas escolas do bairro e, segundo me dizem, lá pela sétima série param de estudar. Mas, curiosamente, deparei-me com o filho de uma migrante de trajetória reduzida que estudava, como Patrícia da casa frios, na Escola Aracy Pereira Lopes, no Cruzeiro. Filho de uma paraibana que me disse coisas muito interessantes sobre o fato de seu filho estudar lá. Seu filho é um daqueles que foram para essa escola por não ter conseguido vaga no bairro:

Sebastiana – Meu menino mais velho estuda na Aracy Pereira Lopes.

Teresa – Meu sobrinho também.

·*Só os dois?*

Teresa – Que eu saiba é só eles dois.

·*A maioria estuda aqui mesmo no bairro?*

Teresa – É.·*E eles gostam [de estudar no Aracy Pereira Lopes]*

Sebastiana – Não, o Fábio vai obrigado, primeiro que ele fala que é para passar o dia inteiro na escola. E ele já acha que está faltando um pedaço do tempo dele para ele brincar né?

·*Ah tá, mas não porque ele queria ir para outra escola.*

Sebastiana – Não, ele queria ir para a Orlando Peres. Não coloquei porque não tem vaga. E lá, ele fala muito das crianças de lá, do bairro lá, que não aceita muito as crianças daqui da Aracy. Ele fala, ‘mãe, o meu jeito lá é esse, eu não brinco com ninguém’, é quieto, eles xingam, de vez em quando bate. Na Aracy Pereira Lopes. É, porque ali já faz parte do Cruzeiro do Sul.

•E ele fala que os meninos da escola...

Sebastiana – Não aceita muito, “ah, você veio da Aracy e tal”, esses dias mesmo o meu menino falou: “eu não sei o nome do bairro onde eu moro”.

•Entendi. E seu filho, por isso, ele tem mais vontade de estudar nas escolas daqui?

Sebastiana – Ele tem vontade de estudar lá na Orlando Peres.

•E as escolas daqui do bairros são muito boas, não é?

Sebastiana – Eu acho que são, a preferência melhor é o Caíque, né, eu acho (riso).

Luzia – O Caíque é bom, mas o Orlando é melhor.

•É que Caíque é só para os pequenos né?

Teresa – E essas escolas daqui, eu acho assim, que eles têm uma grande ajuda, para ser uma escola num lugar, que este lugar ele é discriminado, que a Aracy é discriminado, é Aracy I, II e Antenor Garcia. Eu acho que são os três lugares mais discriminados que tem aqui nesta população de São Carlos. Mas eu acho assim, que da parte das escolas eles têm cuidado bem, da parte da prefeitura. Que lá eles têm merenda, até uniforme eles ganharam.

Sebastiana –... Ele não quer ir para a escola de jeito nenhum [inaudível] vai chorando.

•Que série ele está?

Sebastiana – Tá na quinta série. Eu já falei para ele, *você não vai jogar bola*, porque ele é fã de bola, e ele e mais ninguém. E ele vai faltar para jogar bola no Caíque né.

•E ele falta de lá para ficar nas escolas daqui! É que ele não se deu bem lá...

Sebastiana – [inaudível]... Que é tudo grandão, é tudo grandão, entendeu? [inaudível] ele é sempre o último... [inaudível]. E ele é muito quieto, muito quieto, alguém vai fazer uma pergunta para ele, ele eu não sei, eu não vi... A diretora, quem foi Fábio, que pegou sua mochila? Não sei... Ele viu quando o menino pegou mas não tinha coragem de dizer. Aí o menino foi lá devolver e disse, se você tivesse falado, você tinha apanhado.

•E isso aí você acha que é porque ele mora aqui no bairro?

Sebastiana – Eu tenho certeza que é porque ele mora na Aracy. É porque eles vêm pelo ônibus, que é pouca criança que vai. Entendeu? Daí eles percebem.

•Nossa, que coisa hein, não sabia disso não, não sabia mesmo, que tinha isso. Pensei até que fosse o contrário, que os alunos, garotos assim, gostassem de estudar lá para cima.

Sebastiana – Eu imaginei que o meu fosse gostar.

•E quando ele estudava aqui no bairro ele gostava?

Sebastiana – Ele gostava.

•E é horrível, você ficar o dia inteiro num lugar em que você não gosta.

Luzia – E porque já está terminando o primeiro semestre, não é, se não fizeram amizade, não vão fazer mais. •E não tem nenhum amigo dele do bairro que vai com ele lá para a escola?

Sebastiana – Tem o primo só, dele.

•E o primo também não gosta?

Sebastiana – Também não. Eu acho que não.

- 66 Pontos importantes emergem dessa fala. Primeiro, fica claro que a maioria dos jovens dessa rede pela qual circulei estudavam nas escolas do bairro, sendo que nessa família somente dois estudavam *lá para cima*; realidade bem diversa da encontrada na outra rede. Estudam na mesma escola de Patrícia, mas diferente dela, não gostam de estudar lá. Só estudam na Aracy Pereira Lopes porque não conseguiram vaga no bairro, ou seja, não se tratou de preferência das mães e nem dos jovens estudantes. Fábio conta a sua mãe que não é aceito pelos outros colegas por ser morador do Aracy, diz não ser bem tratado na escola, tanto que em seis meses de aula não fez amigos e, segundo a tia dele, não fará. A mãe dele se refere a isso dizendo que são as crianças de lá, de lá do Cruzeiro do Sul, que não aceitam as do Aracy ali. Que são capazes de reconhecê-las como do Aracy por chegarem de ônibus escolar que as busca no bairro.

- 67 Nota-se, com isso, que ele se relaciona com a escola e na escola de uma forma totalmente diferente de Patrícia, que diz gostar de encontrar pessoas de fora do bairro, que não moram no Aracy. Ela, Patrícia, não vê a mesma separação que a mãe de Fábio vê entre os moradores do Aracy e os do Cruzeiro. De forma diferente, seu namorado mora no Cruzeiro, sua avó mora lá, sua família vai para lá aos finais de semana. Ela não reclama de estudar lá, pelo contrário, gosta. Ele, de forma diferente, diz encontrar problemas de relacionamento e que isso se atribui ao fato de ser morador do Aracy, e que por esse motivo preferia estudar no bairro.
- 68 Essa constatação reforça o fato de que nem todos os moradores do Aracy são iguais, e que os jovens, pertencentes a redes sociais distintas, e que ocupam posições diferentes, ao freqüentarem a mesma escola e o mesmo bairro (fora do Aracy) estabelecem com eles relações completamente diferentes.
- 69 Pelos membros de trajetória extensa, as escolas do bairro são descritas como bagunçadas, onde se usam drogas, onde se roubam tênis, Patrícia mesmo fez a “cara feia” quando perguntei das escolas dali. Para os jovens com outra trajetória era diferente. As escolas são consideradas boas, acreditam que bem cuidadas pelo governo, pela prefeitura. Valorizam o fato de os alunos receberem material completo. Além disso, os relacionamentos sociais deles não aconteciam na escola fora do Aracy, mas no bairro, que é onde, por exemplo, participam do time de futebol.
- 70 O Cruzeiro do Sul, bem como a escola lá situada, não se abrem como espaço fértil para o desenvolvimento de seus vínculos pessoais. Tanto que o jovem falta da escola do Cruzeiro para ir jogar bola na escola do bairro, com seus amigos. A escola, onde teoricamente ele deveria também brincar com os amigos, é local de inimizade. A ausência da diversão, que deveria ali haver, faz com que vivenciem a diminuição brusca do “tempo para brincar”, que é na verdade a hora de se relacionarem com amigos, fazerem amizade, estabelecerem vínculos mais ou menos duradouros. O tempo para isso é reduzido menos pelo tempo maior que passam na escola, e mais pela qualidade dos relacionamentos que podem construir ali. A maioria dos jovens de sua rede de relacionamentos não está ali.
- 71 Mais uma diferença relacionada a essa questão foi notada. Na rede social de malha estreita (trajetória reduzida), era comum as mães ficarem tranqüilas com seus filhos na rua, já as mães da outra rede procuravam, de modo diferente, tirar seus filhos das ruas do bairro, o que acentuava a distância entre eles, os filhos de cada uma delas. Muitas vezes, na rede cujos membros tinham trajetória extensa, ouvi que procuram tirar seus filhos da rua, que é muito melhor para eles ficarem em casa. Esse tipo de depoimento simplesmente não acontece entre migrantes com trajetória reduzida, e pude notar que, não apenas suas crianças ficavam brincando na rua (sem serem chamados tantas vezes para dentro de casa tal como presenciei entre os outros), como eles mesmos circulavam mais pelo bairro.
- 72 A paraibana, mãe do garoto que estuda na escola lá para cima, e que está insatisfeito com isso, conta que foi ao Conselho Tutelar procurar vaga no bairro para seu filho estudar. Na escola do Cruzeiro do Sul os jovens passam o dia todo, e ela questiona que hoje as mães não precisam deixar por tanto tempo seus filhos na escola. Especialmente porque moram num lugar tranqüilo em que as crianças podem ficar na rua. Ocorre que esses migrantes estão tendo como parâmetro favelas da capital paulista, onde moraram por muitos anos. Assim valorizam o fato de seus filhos poderem jogar bola, soltar pipa na rua, isso as deixa tranqüilas e satisfeitas. E também citam a tranqüilidade que é ter a

família por perto. Assim, para elas basta e está muito bom ficar por ali, em família e com os meninos brincando na rua, ficam sem medo:

Sebastiana – Que eu criei meus filhos lá em São Paulo assim, você não pode botar alguém para cuidar, porque não tem condições, você tem que criar seus filhos daquele jeito, não tem que ficar no meio da rua, entendeu, é de portinha fechada, e eles, até hoje, estão do mesmo jeito. Hoje aqui na Aracy eles se sentem num paraíso. Que o povo fala, Aracy é aquilo e aquilo outro. Se eles morassem lá onde eu morava, eles iam ver...

·*O que é bom para tosse.*

Sebastiana – [inaudível] jogar bola, soltar pipa, tinha essas coisas não. Lá, a única família que eu tinha assim mais perto era minha irmã, eles moravam um pouquinho mais longe, ia lá uma vez por semana, por mês... Entendeu? Não tinha muito contato. E aqui não, aqui tem a família inteira... Pode brincar na rua, meus meninos vão para a escola sossegados, eu não tenho medo. Aqui só se, Deus me livre, tiver que acontecer mesmo. Lá, a gente tem medo de [inaudível] meio da rua, ou bala perdida, ou criança ser catada, é esse tipo de coisa.

·*É outra história. E aí vem gente falar, ter preconceito com o Aracy...*

Sebastiana – Aí muitas vezes quando eu vou para lá: -Você mora no Aracy? -Moro, com muito prazer. Eu adoro a Aracy. -Aí, por que você fala isso? Eu digo: -se você tivesse morado no lugar que eu morei, você ia me dar razão.

73 Para a construção desse discurso esclareço que a questão de fundo não é exatamente o fato de elas terem morado em favelas de São Paulo, mas a de continuar pensando em função da própria trajetória social que define esses migrantes. Pois a situação de miséria descrita por eles e que envolve seu passado recente inclui não apenas a iminência da fome, mas também da violência. Sobre isso estão falando, e conviviam com a violência em favelas de São Paulo, e não sentem com a mesma força o perigo em São Carlos, ou no Aracy, bairro geralmente representado como muito violento em toda São Carlos.

74 Os migrantes com a trajetória reduzida geralmente circulam bastante pelas ruas do Aracy, e acham isso bom. Na outra rede encontrei o oposto quanto à relação que estabelecem com o próprio bairro. Costumam chamar seus filhos para dentro de casa a todo momento, dizem que não gostam que eles fiquem “por aí”, na rua, assim como eles também não gostam de ficar, “nem na calçada” gostam. Era uma forma de se diferenciar dos moradores do Aracy e aproximar-se dos moradores de outros bairros “mais evoluídos”, em que todos ficam mais reservados em suas casas, tal como expressou a fala de Valter, citada abaixo:

·Mas aqui no Aracy é diferente dos outros bairros de São Carlos?

Valter – É diferente. Eu vou nos outros bairros aí e a mãe acompanha o filho, a mãe não deixa o filho sair na rua, fica todo mundo trancado, aqui fica muito na rua, fazendo muita coisa que não presta.

·Você acha que aqui as pessoas ficam muito na rua, e que isso é um problema?

Valter – Isso. Aqui olha, o meu irmão, o filho dele, você precisa ver o filho dele (...), o meu sobrinho é grande, sete, oito anos, e você nunca vê ele na rua. Meu irmão ele... Não pode ir na rua, é na escola, volta para casa, para a casa da avó ou para a casa dele (...) Ele brinca com os amigos dele lá no quintal do meu irmão, ele vem aqui com os amiguinhos dele e brinca aqui no quintal, na rua não. Na rua é com o pai ou com a mãe. Isso tem que ser o padrão.

·Aqui no Aracy eu notei mesmo, que tem bastante gente na rua. Principalmente de final de semana né?

Valter – Nossa (...) E também porque não têm vídeo game igual os outros né...

·Não têm Internet...

Valter – Não têm televisão, não têm Internet, não têm um telefone para ligar para outro amigo, então isso influi também.

75 Ou como a sobrinha que Ana cria:

Ana – Aqui já fica tudo junto, aí ela vem, a minha mãe bota ela para dentro de casa, ela fica aqui, fica aqui dentro, que ela tem as tralhas dela aí né...

·*Mas tem um monte de criançada aqui também, não tem?*

Ana – Ih, mas eu não gosto que ela brinque.

·*Não? Por quê?*

Ana – Porque fica muito moleque aqui na rua, e vem moleque de todo lado, você nunca sebe quem é né? E hoje em dia a molecada já mexe com muita porcaria, muita besteira, só fala gíria... Quando tem uma menininha boazinha eu deixo brincar com ela, um molequinho mesmo (...) Eu prefiro que eles fiquem aqui, quando eu estou, quando eu não estou não vem ninguém. Aí um ou dois eu deixo, mais eu não deixo, é um de cada vez. Que aí brinca né, a gente pode controlar.

76 Eles tendem a se diferenciar dos demais moradores, separando-se da rua, preferindo que seus filhos fiquem dentro de casa, criticando que no bairro há muitas crianças e que muitas ficam na rua. A rua se constrói então segundo “variados pontos de vista, oferecidos pela multiplicidade de seus usuários, suas tarefas, suas referências culturais, seus horários de uso e formas de ocupação” (Magnani, 2007). Os filhos de uma e de outra rede separam-se, não brincam juntos na rua, e quando na mesma escola, relacionam-se com ela de forma completamente diversa, de modo que não constroem espaços de socialização comuns, nem mesmo nas ruas do bairro.

77 Os que apresentam trajetória extensa se afastam do Aracy o tanto quanto podem, procurando se diferenciar de seus moradores e se afastar até mesmo de seus espaços físicos, como a rua, as escolas, tende a haver mais pessoas da família morando em outros bairros, onde procuram realizar seus encontros familiares. Assim, os filhos desta rede geralmente estudam em escolas fora do Aracy assim como fazem cursos “lá para cima”, já os filhos dos que *não têm mais do que uma casa* concentram-se mais no bairro, espaço mais fértil para o desenvolvimento de seus relacionamentos.

Conclusão

78 Ao me manter atrelada à estrutura do bairro, ao modo que foi construído na sua relação com São Carlos, foi possível entender o que estava em jogo ali, o que era importante inclusive para a configuração das redes sociais que envolviam migrantes residentes Aracy. Um recorte importante fora apresentado pelos próprios moradores e separava os migrantes do bairro entre os que “tinham no máximo uma casa para morar” e os que “tinham muito mais que uma casa”.

79 Isso os separava no espaço social e também gerava espaços sociais diferenciados no bairro, por onde essas redes se distribuía. Segundo a posição de cada um, estabeleciam com a cidade e com o próprio bairro relações adversas. Com isso quero dizer que “a cidade não se impõe de forma homogênea e absoluta sobre seus moradores” (Magnani, 2007). Mesmo que se trate de migrantes residindo num bairro periférico, ainda assim, eles não constituem uma unidade.

80 Em função de suas diferenciações, pude analisar alguns de seus espaços de sociabilidade. O próprio bairro assume formas variadas no discurso de seus moradores, especialmente a rua, ora vista como lugar tranquilo para crianças brincarem sozinhas, ora vista como lugar ameaçador. E também os contatos estabelecidos com a cidade de

São Carlos não possuem a mesma intensidade e não são sentidos da mesma forma pelos migrantes contidos em redes sociais distintas.

BIBLIOGRAFIA

- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: Caminho do Roçado - estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- JARDIM, Maria. *Inclusão Social é Trabalho Coletivo: resgate da dignidade e da auto-estima de moradores em um bairro popular da cidade de São Carlos - SP*. Projeto apresentado ao II Prêmio da Mostra PUC: Rio de Janeiro, 2003.
- MAGNANI, José Guilherme. Rua, símbolo e Suporte da Experiência Urbana. [on-line] in: *NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Capturado em 10/01/2007.
- MANCUSO, Maria Inês, OLIVEIRA, E. *Condições de Vida e Pobreza em São Carlos: uma abordagem multidisciplinar*. Relatório do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: 1994.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.
- SANCHEZ, Patrícia Salvador; DAL BELLO, Érika Aletéia. Ocupação periférica de baixa renda em áreas de mananciais. In: FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A. A. (orgs.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil*. São Carlos: Ed. Rima, 2001.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- THOMAS, W. I. & ZNANIECKI. The Peasant Family e Marriage. In: *The Polish Peasant in Europe and America*. New York: Octagon Books, 1974.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NOTAS

1. O texto deste artigo baseou-se na tese de doutoramento Migrações e Redes Sociais: trajetórias, pertencimentos e relações sociais de migrantes no interior de São Paulo, sob orientação de Beatriz Heredia, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
2. No estudo da migração este conceito assume importância à medida que é por meio das redes de relações sociais (recomendação e parentes e amigos) que a migração acontece e, uma vez efetuada a migração, elas não se rompem. Migrantes não deixam de pertencer a um grupo social

específico e ao conjunto de suas relações sociais fundamentais (Thomas e Znaniecki, 1974; Sayad, 1998; Queiroz 1973; Menezes 1996; Garcia, 1990; Seyferth, 1990 entre outros).

3. Ao relacionar papéis conjugais com a configuração das redes de relações ao redor da família, a autora diz: “Um grande número de relacionamentos sociais importantes era levado a cabo não com vizinhos, mas, sim, com amigos e parentes, que viviam uma certa distância da família que estava sendo entrevistada. (...) Nossa tese é a de que as famílias, como totalidades sociais, não estavam contidas em grupos organizados mas, somente, em redes” (Bott, 1976: 67). Ou seja, rede social não implica proximidade física ou geográfica, mas implica contato social.

4. Tanto ele como Pereira Lopes estavam no comando da vida político-econômica da cidade.

5. A existência de “ambientes sociais” permite que uma mesma característica seja boa e ruim; o que não nega o fato de que há atributos que, em quase todos os ambientes sociais, levam ao descrédito (Goffman, 1988).

6. Observar que o bairro é socialmente construído como estigmatizado segundo sua relação com São Carlos. Ele está inserido numa lógica que é a da cidade, e percebi que, um grande perigo para quem o pesquisa é tomá-lo da forma que dizem que ele foi construído: para ser uma cidade. Para mim foi importante pensar nisso, para que eu não o tratasse da forma que ele parece estar para muita gente: separado e isolado.

7. A mesma relativização vale para a questão da trajetória: é como imaginar uma linha em que há diversos pontos a serem ocupados, e as pessoas nela ocupam pontos mais próximos e mais afastados, estando, num dos extremos, a trajetória reduzida e, no outro, a trajetória extensa. O que há não são dois blocos rigidamente separados, mas um caminhar nessa trajetória e constante luta e negociação de uma posição.

8. Pejorativamente, assim como o Aracy é referido como lá para baixo com relação ao resto da cidade, que fica lá pra cima, internamente o bairro também é dividido nos mesmo termos.

9. Ela, apesar de estar passando por dificuldades financeiras, tem irmãos morando em outros bairros e que possuem nesses bairros, comércio. A família dela, além de ter a casa em que ela mora, tem também mais uma casa bem grande no Aracy. Situam-se entre os migrantes de trajetória extensa, embora eu deva lembrar que indivíduos situam-se em pontos diferente da trajetória. Nem todos que eu digo que possuem trajetória extensa ocupam o mesmo ponto.

AUTOR

VIRGÍNIA FERREIRA DA SILVA

Doutora em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.